



## **Paisagem revelada: pesquisa socioambiental em comunidades no entorno do riacho da Caveira em Maceió – AL**

Clécio do Nascimento SANTOS<sup>1</sup>, John Herbert Nascimento SANTOS<sup>2</sup>, Jairy Demésio dos SANTOS<sup>3</sup>, Ricardo Santos de ALMEIDA<sup>4</sup>, Cirlene Jeane Santos e SANTOS<sup>5</sup>.

1. Mestrando em Dinâmicas do Espaço Habitado na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: cleciogeo@gmail.com;
2. Licenciado em Geografia pela UFAL. E-mail: johnherbertufal@hotmail.com;
3. Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: jairyds@hotmail.com;
4. Professor Contratado da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Professor do curso de Geografia Licenciatura EaD (UFAL). Mestrando em Geografia na Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: ricardosantosal@gmail.com;
5. Professora Doutora da Universidade Federal de Alagoas. Coordenadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRÁRIO-IGDEMA-UFAL). E-mail: cirlene.ufal@gmail.com.

**Resumo** - O entendimento sobre a organização do espaço geográfico nos fomenta a compreensão das ações humanas desvendados nas paisagens. Através de pesquisa documental e bibliográfica, este trabalho balizou o Projeto de Extensão intitulado Vivências socioambientais nas comunidades do Alto da Alegria, Bom Jesus e Henrique Hequelman: construindo uma proposta de gestão ambiental participativa. Neste sentido, foi analisado o processo de expansão urbana da cidade de Maceió/AL, através de leitura bibliográfica e infográfica, enfatizando-se a construção do bairro Benedito Bentes onde as comunidades estão localizadas, bem como, buscou-se compreender o que a paisagem revela através da leitura das fotografias, e o que se observou foi o uso e ocupação desordenados, evidenciando o descaso do poder público em relação às populações que nestas comunidades vivem.

**Palavras-chave:** Espaço. Território. Paisagem.

**Abstract** - It is believed that an understanding of the organization of geographical space fosters the understanding of human actions disclosed in landscapes. Through documentary and bibliographical research, this work buoyed the extension project entitled Experiences in social and environmental communities of the Alto da Alegria, Bom Jesus e Henrique Hequelman: building a proposal for participatory environmental management. In this sense, we analyzed the process of urban expansion of the city of Maceio / AL, through literature and infographic reading, emphasizing the construction of Benedito Bentes neighborhood where communities are located as well, we sought to understand what the landscape revealed by reading the photographs, and what was observed was the use and disorderly occupation, highlighting the indifference of the government towards the people who live in these communities.

**Keywords:** Space. Territory. Landscape.



## INTRODUÇÃO

As formas espaciais são produtos históricos. Para Moraes (2002, p. 29), o espaço produzido é resultado da ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento, as relações sociais que lhe deram origem. Nesse sentido, a paisagem manifesta a historicidade do desenvolvimento humano, associando objetos fixados ao solo e geneticamente datados. Tais objetos exprimem a espacialidade de organizações sócio-políticas específicas e se articulam sempre numa funcionalidade do presente. Aparentemente formas inertes, possuem, contudo, o poder de influir na dinâmica da sociedade.

Compreende-se que a Geografia tem um importante papel na compreensão do espaço geográfico, como afirma Lacoste:

[...] saber pensar o espaço, isto é, a familiarização de cada um com um instrumento conceitual que permite articular, em função de diversas práticas, as múltiplas representações espaciais que é conveniente distinguir quaisquer que sejam sua configuração e sua escala, de maneira a dispor de um instrumental de ação e reflexão. (LACOSTE, 1988, p. 53).

Nesta perspectiva torna-se indispensável aos homens pensar o espaço. A produção social do espaço material, a valorização objetiva da superfície da Terra e a agregação de trabalho ao solo, passam inapelavelmente pelas representações que os homens estabelecem acerca de seu território. Não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização do território. As formas espaciais são produtos de intervenções teleológicas, materializações de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais. Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. Enfim, todo o complexo universo da cultura, da política e das ideologias. Deste modo Tuan (1983, p. 4) afirma que “lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas nossas necessidades”, ou seja, um território é definido e delimitado por e a partir das relações de poder.

Desta forma, acredita-se que os menos favorecidos, se tornarão verdadeiros escravos do sistema predominante politicamente, as grandes massas populacionais residente em grande maioria nas periferias das grandes cidades, serão meras marionetes de uso e desuso das classes dominantes e melhores favorecidas territorialmente. “Uma repartição uniforme do território produz uma sociedade uniforme, inclinada à democracia; uma repartição desigual gera uma estratificação social que permite aos mais favorecidos a maior influência no Estado, ou seja, uma espécie de oligarquia” (RATZEL, 1990. p. 79).

Assim, o presente artigo tem como intuito analisar o processo de ocupação das comunidades Alto da Alegria, Grota da Alegria, Grota Bom Jesus e Conjunto Henrique Hequelman, em Maceió/AL. Destacam-se neste estudo a compreensão das conjunturas política, econômica e social decorrentes da ação antrópica manifestada nas paisagens. A escolha destas áreas para o estudo se deu a partir do desenvolvimento de estratégias educativas a partir das vivências socioambientais articulando pesquisa, ensino e extensão na bacia do rio Pratygy, especificamente no entorno de seu afluente o riacho da Caveira. Busca-se, contudo compreender a dinâmica do espaço vivido, concebido e percebido através de interações institucionais e comunitárias, na perspectiva da proteção e valorização meio ambiente, visando à melhoria da qualidade de vida.



## O ESPAÇO URBANO DE MACEIÓ

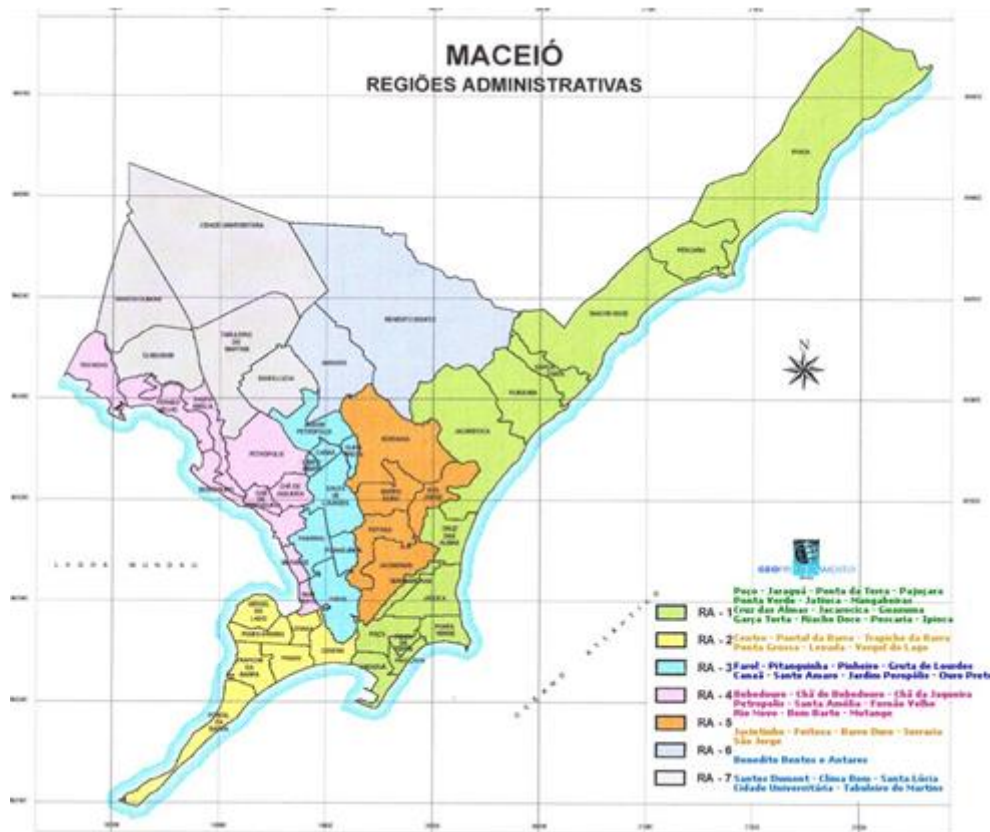
O povoado que deu origem a Maceió surgiu em um engenho de cana de açúcar, por volta de 1609 - data de sua fundação. “Maceió vem da língua tupi, das denominações “MAÇAYÓ” ou “MAÇAIO-K” e quer dizer "aquele que tapa o alagadiço", talvez pela abundância de águas por todos os lados e a constante subida e descida das marés. Segundo Bairros de Maceió (2009) diz à história que o povoado de Maceió tinha uma capelinha em homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres, bem onde hoje está a Igreja Matriz, na Praça Dom Pedro II. A emancipação política de Maceió aconteceu no ano de 1817.

A cidade de Maceió localiza-se entre a Lagoa Mundaú e o Oceano Atlântico (figura 1). Para Lima (2010, p. 27) ocupa o terraço, feito pelo mar, na extremidade do tabuleiro que limita ao Norte. A calha do antigo estuário do Rio Mundaú, e continua sobre uma língua de terra, que se junta a esse terraço e se afina para o Sudoeste, terminando no Pontal da Barra. Essa língua de terra, ou restinga, fechou o estuário, formando uma lagoa, e desviou a foz do rio para o Pontal. A cidade desenvolveu-se sobre essa formação alongada, merecendo, por parte de muitos estudiosos a denominação de cidade-Restinga.

O tabuleiro, segundo Bairros de Maceió (2009), cuja base a cidade iniciou, foi sendo povoado, na parte alta da cidade, sobre a área da Jacutinga, onde hoje é o bairro do Farol - assim denominado em função do farol instalado na parte alta da antiga Ladeira da Catedral, hoje Rua Dr. Osvaldo Sarmiento. Hoje, o farol se encontra instalado no alto do Jacintinho.

Maceió apresenta, para Lima (2010, p. 121), três planos distintos: o primeiro, a baixada litorânea, com altitude variando entre 2 e 4 metros; o segundo, o terraço cortado na base do tabuleiro, com altitude variando entre 8 e 10 metros acima do nível do mar; o terceiro, o tabuleiro - o antigo planalto da Jacutinga - onde encontramos os bairros Farol, Gruta, Pitanguinha, Pinheiros e Tabuleiro do Martins, variando de 40 a 50 metros de elevação em relação ao nível do mar.

Além de ser uma cidade-porto, a localização de Maceió na metade do litoral do Estado de Alagoas, a torna ponto de convergência de estradas e o mais importante centro comercial do Estado, tal como afirma Bairros de Maceió (2009). O estado de Alagoas está situado na região nordeste, onde ocupa o 8° e o 19° entre os estados brasileiros em superfície. Com um total de 27.731 Km<sup>2</sup>, esta área corresponde a 0,33% do território nacional e de 2,87% da região Nordeste.



**Figura 1.** Mapa das Regiões Administrativas de Maceió/AL.  
Fonte: Bairros de Maceió (2009).

Até as primeiras décadas do século XX, segundo Bairros de Maceió (2009) o bairro Bebedouro era o bairro nobre da capital, com suas mansões. Depois o bairro Farol. A Avenida da Paz, no Centro, a beira-mar, era a preferida para a construção de bangalôs, onde viviam as mais tradicionais famílias da cidade. O Hotel Atlântico, foi durante muitos anos, um dos mais procurados pelos viajantes. Construído a beira-mar e ao lado do riacho Salgadinho (limpo), sempre foi um bonito exemplar da arquitetura das primeiras décadas do século XX. O sobrado da família Machado, era outro exemplo de beleza arquitetônica. Depois foi adquirido pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), para servir de Residência Feminina Universitária, passando logo após a abrigar o Museu de Folclore Théó Brandão. Abandonado, o prédio foi ruindo aos poucos e todo o acervo transferido para a antiga Reitoria. Mas, foi recentemente restaurado, esbanjando toda a sua beleza. A Avenida era também o cartão-postal: praia limpa, com areia branca. Palco do carnaval de rua, com o desfile de blocos e escolas de samba, além de desfiles estudantis e militares, nas comemorações do Dia da Independência e da Emancipação Política de Alagoas.

Os sobrados do Centro emolduravam a paisagem típica de uma capital provinciana. Segundo Bairros de Maceió (2009) o Hotel Bela Vista, na Praça dos Palmares, sempre foi o prédio de maior beleza arquitetônica, com sua varandas, com vista panorâmica para o mar da Avenida da Paz. Hoje é um edifício de 13 andares que serve a representação do Ministério da Saúde. Ao lado, onde estão os edifícios do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), existia o antigo palácio do Governo, com quadro andares. A Praça Sinimbu, era repleta de sobrados, onde vivia a burguesia. Em frente o prédio da Linha de Bondes, com seu relógio.



Foi derrubado, para construir a Faculdade de Engenharia, depois Reitoria da Universidade Federal de Alagoas, e atualmente, Espaço Cultural da UFAL.

Maceió no início do século XX segundo Bairros de Maceió (2009) apresentava costumes diferentes do que hoje estamos habituados, com seus sobrados, igrejas e a população andando nas ruas centrais, e os homens de terno, gravata e chapéus e as mulheres de vestidos longos, esbanjando charme e elegância. Segundo Bairros de Maceió (2009) os bondes eram puxados por cavalos. Só depois, chegaram os movidos à eletricidade. Faziam o percurso entre o Centro, Trapiche, Bebedouro, Farol e Pajuçara. Até 1958, era esse o principal meio de transporte urbano. A juventude estudava nos colégios São José, Instituto de Educação, Anchieta, Lyceu, Guido, Diocesano, Sacramento, Batista e outros. Depois surgiram as sopas, uma espécie de micro-ônibus. Mas os bondes deixaram saudade.

E Maceió nunca parou de crescer. A cada censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), constata-se mais gente vivendo na capital alagoana, que no início do novo milênio, ostenta uma população de mais de 800 mil habitantes. Novos bairros vão surgindo. Mas surgem também, novas favelas, que já somam quase 100, fruto do êxodo rural e do desemprego generalizado.

Segundo Costa *apud* Araújo (2004, p. 192):

O número de aglomerados subnormais (favelas), e de conjuntos para as classes mais carentes, tem aumentado assustadoramente. Hoje, existem mais de 100 desses tipos de habitação, muitos deles localizados em áreas de risco da cidade. Ali as condições de vida são subhumanas durante todo o ano, e tornam-se desumanas no período chuvoso quando as que se localizam à margem da lagoa são invadidas pelas águas e encontram nas encostas correm risco de desabamento, além de aumentar a probabilidade de surto de doenças pela total ausência de condições básicas de saneamento e higiene. (COSTA *apud* ARAÚJO, 2004, p.192).

Os bairros da orla marítima (Cruz das Almas, Jatiúca e Ponta Verde), que até a década de 1960, eram sítios produtores de coco, foram atraindo moradores, com a construção de edifícios. Hoje, formam um verdadeiro labirinto de concreto. Segundo Bairros de Maceió (2009) esses bairros só estão crescendo verticalmente. Não existe mais espaço para casas. Estas são construídas na parte alta da cidade, nos bairros Barro Duro, Serraria, Tabuleiro do Martins e Benedito Bentes. Surgem condomínios fechados, com verdadeiras mansões, como o Aldebaran e Jardim do Horto.

Segundo Bairros de Maceió (2009), nos anos 1960, o Edifício Breda, com seus dez andares, onde a juventude sempre se dirigia para subir até o último andar, de elevador (novidade) e apreciar a beleza da orla marítima e da lagoa de Mundaú. Era ponto de encontro para namorados. Mas também serviu para suicídio de muita gente. Ainda nesse período, é construído o Edifício São Carlos, com onze andares e vinte e dois apartamentos, na Avenida da Paz, de frente para o mar. Foi o primeiro edifício de apartamento da cidade.

A capital modernizou-se, com edifícios comerciais e residenciais e a segregação socioespacial só tendeu a aumentar (DUARTEY; SOUZA, 2011. p. 263). Em 1989 ganhou seu primeiro Shopping Center: o Iguatemi. A partir daí, foram surgindo outros. Só em 1998, dez deles foram instalados, de pequeno e médio portes, abrindo-se assim 2 mil novos empregos diretos e seiscentos pontos de venda. O comércio descentralizou-se, atingindo os vários bairros.

É importante dizer que o crescimento da cidade ocorreu de forma indevida, da periferia para o centro, uma vez que para a construção dos conjuntos habitacionais que começaram a surgir na década de 70, a Companhia de Habitacional de Alagoas (COHAB-AL), buscando terrenos mais baratos para



compensar o preço da venda, construiu os mesmos na periferia do centro urbano. (COSTA *apud* ARAÚJO, 2004, p. 191).

O tradicional bairro Jaraguá foi revitalizado. Seus sobrados, ruas estreitas e praças, ganharam o visual de antigamente. O imponente prédio da Associação Comercial de Maceió, construído na década de 1920, foi restaurado. O mesmo ocorreu com o prédio da antiga Alfândega (Museu da Imagem e do Som), enquanto as ruas tiveram o asfalto retirado, para dar lugar ao calçamento em pedras. O projeto, segundo Bairros de Maceió (2009), também beneficiou a praia da Avenida, antigo cartão postal.

## USO E OCUPAÇÃO NO BAIRRO BENEDITO BENTES

Segundo Bairros de Maceió (2009), o processo de ocupação do Benedito Bentes se dá a partir da década de 1980 (figuras 2 e 3). A população oriunda do interior do estado, impulsionada por toda uma conjuntura política e econômica, não tinha possibilidade econômica de se estabelecer próximo ao centro da cidade se dirigiam a uma região periférica.

O Benedito Bentes limita-se ao norte com município de Rio Largo, ao sul com Serraria e Jacarecica, ao Leste com Guaxuma, Garça Torta e Riacho Doce, a Oeste com Antares e Cidade Universitária (figura 1).

A lei municipal n. 4.952 de 06 de janeiro de 2000 determinou o limite oficial com a descrição do perímetro urbano tendo início no encontro da estrada para Duas Bocas (Avenida Cachoeira do Meirim) com a Rua Roberto de Farias.



**Figura 2.** Benedito Bentes em 1986, ano de inauguração.

Fonte: Bairros de Maceió (2009).



**Figura 3.** Benedito Bentes em 1986, ano de inauguração.

Fonte: Instituto Histórico Geográfico de Alagoas (2009).

O Benedito Bentes é o maior bairro em área, com 24.627 Km<sup>2</sup>, com um perímetro urbano de 26.731,15 metros. Toda esta extensão junto ao bairro Antares faz parte da sexta região administrativa. Segundo Bairros de Maceió (2009), é composto por mais de oitenta lotadouros, sendo várias avenidas, os conjuntos habitacionais Benício Mendes, Frei Damião, Jardim Paraíso, João Sampaio II, Luís Pedro III, Moacir Andrade, Selma Bandeira, Parque das Américas, Carminha, Paulo Bandeira, Alto da Alegria e Benedito Bentes I e II. Os loteamentos Alvorada e Bela Vista, as grotas da Alegria e da Caveira (Bom Jesus), que detêm juntos mais de 80 lotadouros, sendo várias avenidas, e integram o complexo Benedito Bentes. Com isso, tornou-se também o mais populoso de Maceió com 143.841 habitantes segundo a Secretaria Municipal de Coordenação das Regiões Administrativas (SEMCR).



No ano de 1986 em sua construção priorizou-se uma infra-estrutura adequada, tendo como exemplo o saneamento básico (figuras 4 e 5). Obtendo destaque a piscina de dejetos, destinada ao tratamento de esgotos e resíduos fecais, onde após o tratamento lança-se a água novamente na natureza.



**Figura 4.** Piscina de dejetos do Benedito Bentes.  
Fonte: Bairros de Maceió (2009).



**Figura 5.** Sistema Pratagy, localizado no Alto da Alegria, Benedito Bentes.  
Fonte: Autores (2009).

Posteriormente, a população ganhou novas linhas de ônibus, passando a se acostumar com a distância do centro. Então por causa de suas dimensões, contingente populacional e outros fatores foi construído um novo terminal rodoviário urbano (figura 6.), sendo o maior do estado.

Com todo esse crescimento o Bairro já possui uma economia quase independente, é onde fica localizada a bacia hidrográfica do Pratagy e também o Sistema Pratagy, responsável por mais da metade do abastecimento de água encanada da cidade de Maceió. Fica também localizado o Centro de Cultura e Belas Artes de Maceió, o Centro Cultural do Benedito Bentes, e também um cemitério.

Atualmente o que chama bastante atenção é o crescimento da economia com um grande centro comercial, Mercado Público, uma das maiores usinas de cana-de-açúcar do estado, além do grande poder do comércio informal (figura 7.) que a cada dia vem obtendo destaque. E também tem um *Shopping Center* e algumas indústrias transnacionais.



**Figura 6.** Terminal rodoviário urbano do Benedito Bentes.  
Fonte: Autores (2009).



**Figura 7.** Avenida Benedito Bentes, grande centro do comércio formal e informal.  
Fonte: Bairros de Maceió (2009).



De forma apologética o bairro apresenta feições de cidade, e por tais características já tramitou na Câmara de Vereadores um projeto com o intuito de transformar o bairro em Município, porém sem sucesso.

Também são motivos de intensas preocupações os diversos tipos de territorialidades presentes no bairro, onde tem um alto índice de violência provocada principalmente pelo tráfico de drogas e prostituição. Além de ser território de vários acampamentos de movimentos sociais.

## **GROTA BOM JESUS, ALTO E GROTA DA ALEGRIA**

As comunidades Grota Bom Jesus, Alto da Alegria e Grota da Alegria (figura 9) começaram a ser ocupadas no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Inicialmente era uma área composta por um capoeirão e resquícios da Mata Atlântica e, logo começou a ser ocupada irregularmente, principalmente no entorno de vários vales “grotas”, por pessoas que não dispunham de recursos financeiros para se apropriar de um imóvel em condições adequadas.

Nas áreas de encostas, no vale que compõe a geomorfologia local e, conseqüentemente, nas margens do riacho da Caveira que corta a área. O riacho Caveira faz parte da Bacia do Rio Pratagy, distribuída ao longo de três municípios: Messias, Rio Largo e Maceió, nesse último encontra-se a maior área da Bacia. O rio Pratagy é o maior rio da Bacia e tem um papel importante para o abastecimento de água de Maceió. Nasce em Messias e tem sua foz no bairro de Riacho Doce, no litoral norte da capital, nas proximidades da praia da Sereia. Esta bacia apresenta uma superfície de 133,69 Km<sup>2</sup> e, desde junho de 1998, foi instituída como Área de Proteção Ambiental (APA).

Essa ocupação em sua maioria ocorreu nas áreas de encostas e no próprio vale. Contribuindo para o desmatamento da cobertura vegetal ciliar. Destacamos aqui a presença de do riacho da Caveira (figura 8) no decorrer desse vale. Onde inicialmente com a ocupação humana, era um espaço utilizado para o lazer – banhos e *camping* -, para algumas necessidades domésticas – lavar roupas, pratos -, para sobrevivência – pesca -, e muitas vezes até mesmo para desova de corpos aos seus arredores, assim, com o tempo esse local ficou conhecido popularmente como “Grota da caveira”, pela ocorrência de tais fatos.



**Figura 8.** Riacho da Caveira na Grota da Alegria.

Fonte: Autores (2009).



**Figura 9.** Grota da Alegria.

Fonte: PINTO, Diogo (2009).





Também ficam localizadas ao entorno dessas grotas e do riacho as Comunidades da Serraria II, Loteamento Alvorada, Vila Mariana e Conjunto Henrique Hequelman.

Durante a pesquisa foi percebido a criação de vários animais, no entanto, foi mais chocante a criação de porcos, pelos moradores locais. As pocilgas (áreas ou casas feitas para criação de porcos) são construídas bem à beira do riacho, com isso, os resíduos produzidos pelos animais – fezes, restos de comida, entre outros –, são diretamente lançados no riacho, contribuindo para poluição do mesmo.

Existe a forte presença de resíduos provenientes da ação humana, como: fezes, sacolas plásticas, garrafas pets, papelão, entre outros. Não obstante, foi chocante a presença, até mesmo de um sofá dentro do riacho. Acredita-se que tal fato decorre pela falta de conscientização da população por parte dos poderes públicos e privados.

Ainda contribui também para uma maior poluição, a obra de macro-drenagem ocorrida no Bairro Tabuleiro dos Martins dutos despejam diretamente no riacho da caveira. Destacam-se moradias que estão sendo construídas em áreas irregulares – encostas – sem sua proteção natural – cobertura vegetal –; além disso, a obra de macro-drenagem, que se encontra com diversas irregularidades em suas estruturas.

Por conta desses fatores, principalmente o último citado, veio ocorrer um grave acidente, que obteve até mesmo destaque em nível nacional.

Diante de tais situações o riacho da caveira hoje se torna até mesmo um problema para a comunidade. De forma que, o lugar que outrora servia para se banhar, hoje é um dos principais motivos de transtorno para a população local, sendo esse transmissor de diversas doenças. Contribuindo para proliferação de vários problemas, como: odores desagradáveis, disseminação de vetores, inundações, desmoronamento de encostas, entre outros.

## **ESTUDO DA PAISAGEM E VIVÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

As comunidades abordadas na pesquisa vivenciam vários problemas ambientais, bem como sociais. Esses problemas decorrem das adversidades produzidas pela desigualdade social, pois como bem fala Carvalho (2007, p. 31) “Maceió é o retrato fiel do modelo concentrador de renda que o Brasil conhece desde o tempo colonial [...]”. Mais uma vez Carvalho (2007, p. 32), diz que, o crescimento urbano em Maceió ocorre de maneira desigual, sendo muito mais forte nos bairros pobres, ou as conhecidas periferias, bem como nos aglomerados subnormais (favelas, grotas, encostas, entre outros) do que nas áreas nobres da cidade. “A polarização centrada no cenário econômico, exclui parte majoritária da população dos benefícios de viver na capital e tem desdobramentos sociais (incluindo violência urbana) e ambientais (como a degradação de encostas e riachos) gravíssimos” (CARVALHO, 2007, p. 33).

Como se pôde perceber, tudo isso que foi exposto acima contribuiu para entender o que levou a população, residente na área em trabalho, a ocupar (degradar) as encostas que outrora era coberta de vegetação, tornando-se posteriormente em áreas sujeitas a desabamento. A cobertura vegetal original funciona como proteção natural dos solos contra a erosão, principalmente a vegetação de encostas, proteção essa que impede que, ao precipitar os milhões de gotas d’água caíam diretamente no solo quebrando seus agregados. Caso contrário, favorece um grande volume de fluxo de água superficial, ocasionando consequentemente à perda de solo, num processo denominado de erosão (figura 10.), que podem ser na forma laminar, sulco ou voçoroca, esta última a mais violenta (VITTE; GUERRA, 2004).



**Figura 10.** Área em processo de erosão na grota da Alegria e Bom Jesus.  
Fonte: PINTO, Diogo (2009).

Outros problemas ambientais facilmente perceptíveis na área, principalmente na grota Bom Jesus, as margens do riacho com a mesma denominação, causando grande poluição com o lançamento de resíduos líquidos em forma de esgotos domésticos e de animais, principalmente porcos – as excretas desse animal é quatro vezes mais poluente do que do ser humano –, cavalos e frangos, além da disposição inadequada de resíduos sólidos (figuras 11. e 12.). Esses esgotos são constituídos por resíduos sólidos em suspensão e flutuantes, matéria orgânica biodegradável (DBO); coliformes, nutrientes (nitrogênio e fósforo); compostos não biodegradáveis (pesticidas, detergentes); metais pesados, e sólidos inorgânicos dissolvidos. Causando a poluição estética, mortalidade de peixes, toxicidade, crescimento excessivo de algas (eutrofização); doenças à recém nascidos (nitratos), doenças de veiculação hídrica como contaminação da água subterrânea, inibição do tratamento biológico dos esgotos, problemas de permeabilidade do solo entre outros.

Ainda mais, “os dejetos humanos podem ser veículos de germes patogênicos de varias doenças, entre as quais febre tifóide e paratifoide, diarreias infecciosas, amebíase, ancilostomíase, esquistossomose, teníase, ascaridíase, entre outras.” (FUNASA, 2006. p.153). E o mau acondicionamento dos resíduos sólidos (lixo) propicia o aparecimento de vetores de doenças, isto é, de animais sinantrópicos, que encontram no lixo a fonte de sua multiplicação, como baratas, ratos, entre outros.

As questões ligeiramente explicitadas acima são alicerçadas pelas formas excludentes e exploratórias das forças produtivas e das relações de produção intrínseco no sistema de produção socioeconômica vigente, onde as disparidades de classes, isto é, as desigualdades sociais marginalizam os seus abastados, priva-os, dentre outras tantas, da infra-estrutura urbana. Obrigando-os a ocupar áreas, como as contextualizadas, sensíveis a forte degradação, propiciando para o surgimento de graves riscos socioambientais. “A forma de apropriação e transformação da natureza responde pela existência dos problemas ambientais, cuja origem encontra-se determinada pelas próprias relações sociais.” (CASSETI, 1991, p. 20).



**Figura 11.** Riacho da Caveira na Grota Bem Jesus.

Fonte: Autores (2009).



**Figura 12.** Área de deposição de resíduos na Grota Bom Jesus.

Fonte: Autores (2009).

A partir disso leve-se em consideração o fato que a partir das transformações da paisagem pelo ser humano, ou seja, pelo trabalho, quando a espécie *homo* se sobressaiu as demais, articulou o meio para torna-lhe propício as suas necessidades. Transformando a primeira natureza em segunda natureza, onde todo o espaço alcançado pelo trabalho humano, consequentemente é espaço social. Sendo assim,

A natureza está no homem e o homem está na natureza, porque o homem é produto da história natural e a natureza é condição concreta, então, da existencialidade humana. Mas como é o trabalho que está verdadeiramente tecendo a dialética da história, é ele que faz o homem entrar na natureza e a natureza estar no homem. (MOREIRA, 1981, p. 81 *apud* CASSETI, 1991, p. 16).

Sendo assim, para entender e se alcançar uma efetiva mudança nas questões socioambientais vivenciadas pela população da área, faz-se necessário recorrer a certos pontos alocados na própria problemática. Podendo ser enfatizada no desenvolvimento da criticidade pessoal das comunidades para o desvendamento das relações desiguais que os impõe a margem da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES

Com o passar do tempo, o adensamento populacional da área e devido ao desmatamento progressivo da mesma, o riacho da Caveira foi perdendo a função antiga e ganhando novos usos, como receptáculo de resíduos domésticos e lixo, em geral. Além disso, com o aumento da violência na comunidade e arredores, o riacho passou a ser usado como local de desova de corpos e, em pouco tempo, ficou conhecido popularmente como “riacho da Caveira”, em alusão a tais fatos.



É comum na Comunidade a ocorrência de fatos relacionados a criminalidades, tais como assassinatos e tráfico de drogas. Fatos esses que colocam o Alto da Alegria sempre em destaque nas páginas policiais dos jornais de cidade de Maceió. Outro problema que assola a comunidade é a ocorrência de deslizamento de terra/barreiras – uma constante nos períodos de chuva, alguns deles, obtiveram, inclusive, repercussão nacional causando grande comoção, pois são acompanhados desabamentos de casas e de óbitos.

Durante a da pesquisa de campo percebeu-se a criação de vários animais nas margens do riacho, particularmente cavalos e porcos. Constatou-se, também, a grande presença de sacolas plásticas, garrafas pets, papelão e até mesmo de um sofá dentro do riacho. Além desses problemas, a obra de macro-drenagem do Tabuleiro dos Martins contribui, também, para sua maior poluição, uma vez que os dutos desta obra despejam diretamente no riacho da Caveira todas as águas pluviais coletadas na região de abrangência da macro-drenagem, no trecho do riacho que fica localizado na Grota Bom Jesus.

Dessa forma, a ocupação desordenada das encostas e da mata ciliar e o conseqüente desmatamento da área, após aproximadamente 20 anos de ocupação, tornaram-se um entrave a para a comunidade, uma vez que, diante de tais situações, o riacho da Caveira se tornou um problema.

As atividades extensionistas foram desenvolvidas pelos alunos da disciplina Projeto Integrador 5, do Curso de Licenciatura em Geografia. A partir das vivências compartilhadas, mediatizadas por pesquisas de campo, mapeamento da área, oficinas, dinâmicas e outras atividades, o Projeto possibilitou, à Comunidade, a compreensão da dinâmica do/no seu espaço em sua relação sociedade-natureza no entorno da Bacia Hidrográfica do Pratagy – riacho da Caveira, com a formação de multiplicadores sensibilizados para os problemas sócio-ambientais que afligem as suas comunidades; por sua vez, os alunos da disciplina foram oportunizados com o desenvolvimento de práticas pedagógicas a partir de vivências sócio-ambientais em comunidades, tendo como ponto de partida o espaço vivido, concebido e percebido pelas mesmas.

Em uma comunidade carente, desprovida dos benefícios das ações das políticas públicas, essa proposta justificou-se pela perspectiva da Comunidade sensibilizar-se para identificação dos problemas que estão ao seu redor cotidianamente, possibilitando o desenvolvimento de ações de educação/gestão ambiental no seu espaço vivido, podendo a mesma opinar e participar dos processos identificando as suas necessidades e buscando formas simples de gestão os seus problemas ambientais a partir de mudanças coletivas de atitudes frente aos mesmos. Nesse sentido, educação e a vivência sócio-ambiental dos jovens servirão de instrumento para que se desenvolva o embrião dessa nova consciência a fim de influenciar a comunidade de forma sistemática com relação à formação de hábitos e incorporação de atitudes relacionadas à conservação e ao resgate do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel Correia de. **Caminhos e descaminhos da geografia**. Campina: Papyrus, 1989.

ARAÚJO, Lindemberg Medeiros. **Geografia: espaço, tempo e planejamento**. Maceió: EDUFAL, 2004.

BAIROS DE MACEIÓ. Disponível em: <<http://www.bairrosdemaceio.net/site/index.php>>. Acesso em: 25 jul. 2009.



BRASIL, Fundação Nacional de Saúde. **Manual de saneamento**. 4. ed. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2006.

CASSETI, Valter. **Ambiente e apropriação do relevo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Economia popular: uma via de modernização para Alagoas**. 2. ed. Maceió: Edufal, 2007.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 12. ed. Campinas: Papirus, 1988.

DUARTEY, Carlos Marmolejo; SOUZA, Natália Júlia Batista-Doria de. Estructura urbana y segregación socioresidencial: un análisis para Maceió-Alagoas, Brasil. **Papeles de Población**, v. 17, n. 70, out./dez. 2011. p. 247-286. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/pp/v17n70/v17n70a10.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

LIMA, Ivan Fernandes. **Maceió a cidade restinga: Contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos; Cepal, 2010.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias Geográficas: Espaço, cultura e política no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

ORLANDO, Paulo Henrique Kingma. A natureza na perspectiva da produção capitalista: o cenário da exploração dos recursos naturais na atualidade. In.: **Emblemas** - Revista do Departamento de História e Ciências Sociais: UFG/CAC. v. 10. n. 1, 2013. p. 91-104. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/emblemas/article/view/29212/16246>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

RATZEL, Friedrich. Antropogeografia. In: MORAES, Antonio Carlos Robert de. (Org.). **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Ática, 1990. pág. 73-79.

SECRETARIA MUNICIPAL DE COORDENAÇÃO DAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS. Disponível em: <<http://www.maceio.al.gov.br/>>. Acesso em: 21 mai. 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VALENTE, Daniela Moreira. **Formas de apropriação dos espaços livres de uso público no Bairro do Benedito Bentes em Maceió-AL**. 2013. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-06082013-111232/>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

VITTE, Antônio Carlos; GUERRA, Antônio José Texeira (Orgs.). **Reflexões sobre a geografia física no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.